



O Rádio como forma de valorização da Cidadania e da Cultura Indígena¹

Micheli Rabaioli Armanje²

Vera Lucia Spacil Raddatz³

Unijuí – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

Resumo: Este artigo analisa a importância do rádio para a valorização da cidadania e da cultura indígena, a partir da realização do Projeto Experimental “Práticas Radiofônicas na Reserva do Guarita”. Enfatiza também a mudança ocasionada nas rotinas de comunicação na Reserva Indígena do Guarita, depois da implantação da rádio comunitária Cacique Fongue e como este projeto de conclusão de curso de Jornalismo contribuiu para o fazer radiofônico dos locutores que trabalham na mesma.

Palavras-chave: Comunicação; Rádio; Cidadania Indígena.

Introdução

Vivemos numa era midiaticizada, onde os meios de comunicação ocupam cada vez mais espaço. Hoje, nenhuma família vive sem ouvir rádio, sem assistir televisão ou ler um jornal, devido à importância que a comunicação foi ganhando ao longo do tempo. Muitas foram as mudanças pelas quais os meios passaram, mas nenhum perdeu sua característica principal, que é levar a informação onde quer que se esteja. Nesse contexto, é preciso destacar o papel que o rádio representa na sociedade, pois tornou-se um dos veículos de maior popularidade, principalmente pelas suas características. Pode-se citar a linguagem utilizada, muito simples e clara, que facilita a compreensão de todos, independente de cor, escolaridade, religião ou classe social; a programação variada, com destaque para o espaço destinado aos noticiários e o custo praticamente inexistente.

No Brasil, a invenção deste poderoso meio de comunicação se deve graças à figura do padre gaúcho Landell de Moura, nascido em Porto Alegre em 1862, que foi capaz de

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Acadêmica de Comunicação Social- Habilitação Jornalismo da Unijuí (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul).e-mail:micheliarmanje@san.psi.br

³ Profª. Dra. do Curso de Comunicação Social da Unijuí; orientadora do Projeto Experimental Práticas Radiofônicas na Reserva do Guarita. e-mail: verar@unijui.edu.br



desenvolver um aparelho que transmitia e recebia a voz humana sem a utilização de fios condutores. Foi em 1893 que aconteceu a primeira experiência em São Paulo. De lá para cá o rádio passou por várias evoluções e transformações, onde as emissoras criadas ao longo dos anos foram mudando seus estilos, seus formatos e suas programações. Ampliaram-se, também, a capacidade de frequência, sendo capaz de chegar a lugares muito distantes.

O rádio representa um papel fundamental enquanto meio de comunicação, não só por ser um dos mais populares, mas por deter características que o tornam a preferência da população. O rádio possui uma instantaneidade, uma simultaneidade e uma rapidez muito grande, que contribuem para que ele seja o meio mais eficaz no que se refere a transmissão de fatos atuais. Emílio Prado, em seu livro ‘A estrutura da informação radiofônica’, diz que o fato de que o rádio pode ser entendido por um público bastante diversificado, corroboram ainda mais a hipótese de que ele é o meio mais eficaz.

Embora tenha seus fatores negativos, como a inexistência da percepção visual entre emissor e receptor e a condição de que só pode ser ouvida pelo receptor no presente, o rádio não perde sua supremacia. No entanto, para que haja um aproveitamento total na recepção da notícia, quem trabalha em rádio deve atentar para alguns cuidados importantes, como a vocalização clara, a entonação, a tonalidade, o ritmo, a atitude, entre outros. Uma vocalização clara, é aquela que facilitará a compreensão do que está sendo dito. ‘Habitualmente, quando falamos, não nos esforçamos em pronunciar todas as sílabas ou em atribuir a cada uma o seu som exato’ (PRADO, 1989, p.22). Por isso a importância da correta pronúncia das palavras, para que o ouvinte compreenda o que o locutor está querendo repassar. Na grande maioria dos casos, muitas pessoas começam a trabalhar no rádio sem receber uma orientação sobre o que pode ou não pode, o que deve ou não deve fazer e dizer no rádio, e em função disso, é muito comum que nossos ouvidos escutem muitas coisas erradas por parte dos locutores. ‘Aqueles pessoas que se põem pela primeira vez a ler um texto ante um microfone descobrem, com assombro, a sensação de ter a língua enormemente grande, que tropeça nos lugares mais insólitos: nos lábios, nos dentes, no palato. Esta sensação dura pouco e desaparece com a prática’ (PRADO, 1989, p.22). No que se refere a isto, algumas orientações e a prática tornam-se indispensáveis para quem vai trabalhar com a voz.



Para isso, existem algumas técnicas que ajudam na dicção, para que o som saia em bom tom e bem definido. Emílio Prado dá algumas dicas em seu livro, mencionando que,

Abrir os dentes e os lábios, como numa gesticulação exagerada, é um recurso que facilita a produção de sons definidos. Um exercício que facilita a vocalização é a leitura de um texto com um objeto na boca, esforçando-se para falar o melhor possível que permita tal objeto. Pode ser um lápis, uma caneta, ou qualquer objeto semelhante que possa ser introduzido entre os dentes em sentido horizontal e o mais profundo possível. (PRADO, 1989, p.22).

Isso faz com que se adquira a flexibilidade, provocando resultados notáveis a cada dia. Outro aspecto que se deve observar é a entonação utilizada, pois a leitura e a fala monótona, produzida sempre em um mesmo ritmo, cansam o ouvinte e o fazem desprender a atenção. Técnicas neste sentido também existem para melhorar a entonação dos locutores, como a leitura de um texto, dramatizando-o de várias formas. Acompanha a entonação, o ritmo, que não deve ser constante.

Se fosse assim, se converteria inevitavelmente em monótono-dissipador (o rápido) ou em monótono-tedioso (o lento). Deve-se desenvolver uma combinação de ritmos – mais rápidos e mais lentos – que reproduza as variações que se efetuam na expressão oral, em função da fluidez das idéias. (PRADO, 1989, p. 24).

Quanto à atitude, é preciso também prestar atenção. Prado já dizia que ‘uma atitude demasiado seca ou demasiado alegre vai levar a uma reação negativa com respeito à eficácia da mensagem. A primeira provoca o distanciamento entre a fonte e o receptor, e a segunda tira a credibilidade’ (PRADO, 1989, p. 24). Para amenizar este problema, técnicas como interpretar um texto como se fosse um discurso ou como se fosse destinado a uma classe de alunos até chegar ao ponto de lê-lo como se fosse para pessoas da família, são bastante eficazes. Ainda é importante destacar a questão da compreensibilidade da mensagem informativa, que envolve o vocabulário utilizado na notícia. Dele, depende muito a compreensão do ouvinte que está de outro lado, porque não se sabe quem está escutando e qual o grau de entendimento de cada um. Por isso uma linguagem simples, mas ao mesmo tempo correta, é fundamental. E quando se fala em rádio, todos lembram em audiência. Neste sentido, atrair o público para uma grande audiência é função do locutor, que deve utilizar formas criativas para que isto aconteça. ‘A audiência é determinada, além disso, pelo interesse que o ouvinte tenha sobre o tema, pelos recursos expressivos e pela sua combinação. Não se deve esquecer que o



rádio transmite sons e, portanto, os fatos podem ser transmitidos com todo o seu contorno acústico. Por isso tem tanta importância a realização de um índice de audiência de um espaço’ (PRADO, 1989, p. 26). Sendo assim, escolher temas que estão no auge o que fazem parte do cotidiano do público de abrangência da emissora, devem estar na pauta do locutor.

Todos estes cuidados são elementos importantes para o sucesso de uma programação e fizeram com que o rádio se tornasse este grande meio de comunicação. No entanto, ele não se limita somente a isto.

O papel do rádio como meio informativo não está, de qualquer forma, limitado a dar a primeira notícia, papel ao qual tentarem reduzir todos aqueles que – como afirmou Marshall McLuhan – tentam comprimir este “sistema nervoso de informação” em uma “informação nervosa do sistema”, que se materializa nos resumos de dois minutos ou em pílulas de trinta segundos. (PRADO, 1989, p.27).

Além disto, o rádio como um meio informativo pode fazer um papel muito diferente, porque além de simplesmente noticiar o fato atual brevemente, ele pode aumentar a compreensão pública através do debate, da explicação e da análise, o que se pode chamar do ‘rádio em profundidade’. Neste caso, entram as entrevistas, as reportagens e a mesa-redonda. Este formato é essencial para quem não tem tempo de ler e fazer um aprofundamento maior do seu conhecimento sobre determinado caso. Assim, escuta no rádio enquanto desenvolve outra atividade paralela. Mas quando se fala em notícia que será lida ou debatida no rádio, é preciso lembrar que ela vai ser ouvida e não lida, vai ser contada e não lida. ‘Esta atitude facilitará a difícil tarefa de oferecer em poucas frases, breves e simples, a mesma informação que o jornal ocupará vários parágrafos de elaboração literária brilhante.’ (PRADO, 1989, p.29). Isso faz com que escrever para o rádio é muito diferente do que escrever para jornal, por exemplo. No rádio, a linguagem radiofônica não é só oral, ela envolve o ruído, o silêncio e os efeitos especiais.

A notícia do rádio deve respeitar algumas regras básicas, como responder as perguntas ‘o que’, ‘quando’, ‘quem’, ‘como’, ‘onde’ e ‘porque’. São pontos fundamentais que tornam a notícia completa, ou incompleta quando não usados. Aqui também é



importante destacar o papel da pauta, que tem como principal desafio de ‘não transformar a rádio de notícia em refém dos acontecimentos do dia’ (PARADA, 2000, p. 81). Porém, a pauta representa papel importante na organização do que será trabalhado na rádio durante a programação desenvolvida.

Acompanhar os fatos do dia-a-dia é só a primeira parte, e talvez a mais fácil. O que requer mais empenho do profissional é obter bom nível de planejamento para se antecipar aos acontecimentos e ter criatividade para, no momento certo, lançar determinado tema em discussão ou saber captar uma tendência. Significa transformar em reportagem determinada sensação que está no ar, falar de assuntos que começam a fazer parte das conversas ou preocupações do público (PARADA, 2000, p. 82).

Organizar uma pauta diária permite ao profissional uma qualidade melhor no seu trabalho, agiliza e organiza o que precisa ser feito e permite uma programação voltada ao interesse de todos os tipos de públicos, quando bem trabalhada. Trabalhar em rádio exige, pois, conhecimento e técnica para que ele tenha um bom resultado diante de seu público. Só assim, com pessoas capacitadas é que o rádio consegue uma boa audiência e uma boa compreensão do seu ouvinte. Porque além de qualidade ele quer também praticidade. E isso se consegue com notícias bem produzidas, bem elaboradas, e pessoas capacitadas para desenvolver tal função.

O que tem gerado certas controvérsias nos últimos anos no rádio foi a criação das chamadas rádios comunitárias. Elas chegaram com uma finalidade que até então se difere bastante das rádios comerciais AM e FM, mas somente no papel, pois na prática os donos de rádios queixam-se das ilegalidades. Na grande maioria das chamadas rádios comunitárias, atuam profissionais sem capacitação, que vendem espaços comerciais para empresas e tem um alcance maior do que o determinado em lei.

Segundo os termos da lei, “denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, com frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço. Entende-se por baixa potência o serviço de radiodifusão prestado a comunidade com potência limitada a um máximo de 25 watts ERP e altura do sistema irradiante (antena)



não superior a 30 metros. Entende-se por cobertura restrita aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila”. (MOREIRA, 2002, p. 179)

Mesmo legalizadas em 1998, até hoje as rádios comunitárias não são bem aceitas e acabaram com o tempo ganhando o termo pejorativo de ‘pirata’ ou ‘clandestinas’, porque muitas funcionam sem permissão legal e por disputarem audiência local, roubando anunciantes das emissoras comerciais. Segundo dados da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO), em julho de 2005 haviam 2.353 rádios comunitárias autorizadas a funcionar pelo Ministério das Comunicações. No entanto, cerca de outras 15.770 estão no ar sem autorização. Conforme a autora Cecília Peruzzo (2004), sabe-se que a rádio comunitária foi criada para transmitir uma programação de interesse social e vinculada à realidade local, que não tenha fins lucrativos e que contribua para ampliar a cidadania melhorando o nível de informação e cultura dos receptores sobre temas relacionados diretamente a suas vidas. São as rádios comunitárias que permitem a participação ativa das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais na programação, criação, planejamento e na gestão da emissora. Mas ao mesmo tempo em que isto é bom, preocupa pelo fato de que estas pessoas que passam a desenvolver este trabalho não têm nenhum conhecimento sobre como trabalhar em rádio.

Levar ao ar informações e uma programação, mesmo que seja voltada somente para determinada comunidade, implica em capacidade e conseqüentemente, em responsabilidades, pois quando se fala em comunicação, todos são envolvidos. É preciso saber dizer para que sejam compreendidos. Uma rádio comunitária está longe de ser aquela que não precisa ter uma boa programação. Muito pelo contrário. Todos que estão envolvidos neste trabalho voluntário voltado para a comunidade precisam e têm o direito de serem pessoas instruídas, capacitadas e aptas a levarem uma informação de qualidade para seus públicos, afinal, estão lidando com a informação. E quando se informa, principalmente através da voz, é preciso estar ciente que a palavra depois de dita e da forma como foi dita, pode provocar diferentes reações e compreensões. Além da capacitação das pessoas envolvidas neste processo, é importante também que tenham uma programação bem elaborada para que surta os efeitos desejados dentro de suas comunidades.



Sabendo de toda a importância que o rádio representa na sociedade, convém também ressaltar a sua extrema capacidade de valorizar as culturas locais, e logicamente, aqui neste caso, destacar a cultura indígena, que vem se perdendo ao longo dos anos. Um exemplo concreto é a própria língua de origem, pouco falada entre os indígenas em suas aldeias/reservas. O rádio, assim, entra em cena como uma forma de incentivar e difundir a cultura praticada por este povo.

A mudança de vida na Reserva Indígena do Guarita depois da chegada de uma rádio

Quem tem a comemorar com toda esta evolução do rádio é a Reserva Indígena do Guarita, que conquistou com muito esforço, uma rádio comunitária dentro de sua área. Localizada na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul a Reserva abriga sete mil e quinhentos índios caingangues e cerca de trezentos guaranis em seus 24 mil hectares de terra, abrangendo os municípios de Tenente Portela, Miraguaí, Redentora e Erval Seco. É ela que ostenta o título de primeira reserva indígena do Brasil a ter uma rádio comunitária em terras habitadas por índios, inaugurada em 19 de abril de 2006 pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva.

A Cacique Fongue FM, nome dado à rádio em homenagem ao primeiro cacique da região, mudou a realidade dos índios que habitam a reserva, facilitando a comunicação entre os mais de dez setores existentes. Ela desempenha um papel importante na tomada de decisões dentro da reserva e também na divulgação das informações sobre tudo o que acontece na área indígena. Foi a rádio que literalmente mudou a vida dentro da reserva, promovendo a integração entre os setores e contribuindo para o enriquecimento cultural daquele povo que parece estar esquecido. Além disto, foi com a chegada da rádio que os índios passaram a manter relações mais estreitas com as cidades vizinhas, passando a se preocuparem ainda mais com o que acontece ao seu redor.

Antes da chegada da rádio comunitária, a única ferramenta de comunicação era a própria fala. Apesar da estranheza inicial por este novo objeto que passou a entrar nos lares da reserva indígena do Guarita, hoje, a maioria já não viveria mais sem ele. Antes de sua chegada, muitos índios não tinham acesso à boa parte das informações internas e



também externas à reserva. Foi a rádio que também facilitou o contato com a FUNAI, órgão que mantém a reserva. É preciso andar pouco pelo Quilômetro Dez da Reserva, onde está localizada a rádio, para perceber a presença dos rádios em cada uma das casas dos moradores. Um pouco mais distante dali, nos outros setores, a situação não é diferente e o rádio está lá, fazendo parte das famílias indígenas.

Hoje, ainda meio acanhados por conta da sua própria cultura, são unânimes em afirmar a mudança em suas vidas depois da chegada da rádio. Mas além de facilitar a comunicação, a rádio desempenha na Reserva do Guarita um papel muito importante: o de valorizar e manter a cultura indígena, influenciada ao longo dos tempos depois do contato com os brancos. Aos poucos foram deixando em segundo plano os costumes e a língua indígena. Inclusive, os índios mais novos já nem falam mais sua língua mãe.

Cabe a Cacique Fongue, a possibilidade de incutir nos lares de cada um a idéia da preservação da cultura, seja através da fala ou dos seus usos e costumes, para que se mantenha viva esta tradição, sob o risco de perdê-la totalmente nos próximos anos se assim permanecer.

Um projeto para mudar a vida da rádio na Reserva

Há quase três anos no ar, a Cacique Fongue funciona sob condições precárias de transmissão e necessitando de um aparato técnico mais qualificado, a rádio só se mantém no ar graças ao esforço que a direção da emissora vem fazendo no sentido de não deixá-la fechar. Como é comunitária, trabalha sem fins lucrativos, mas os gastos fixos mensais existem. Os locutores são todos voluntários e trabalhando sem remuneração alguma. A rádio tem hora para abrir e fechar, mas não tem uma programação definida. Na Cacique Fongue FM só vão ao ar músicas dos poucos CD's que a rádio possui e as notícias que são de interesse da reserva, como comunicados, falecimentos e avisos de reuniões. Todos os que trabalham na rádio não terminaram o Ensino Médio, exceto o diretor Amilton Melo, que é acadêmico de Educação Física. São moças e rapazes que se diferem dos demais por terem mais facilidade em se comunicarem, mas nunca haviam tido uma experiência com microfones antes. Até então a rádio só foi aberta e colocada no ar, mas ninguém se preocupou em saber como ela



funcionaria ou quem trabalharia nela. Estes jovens nunca receberam orientação alguma, ou seja, aprenderam experimentando.

Acompanhando o trabalho feito por um locutor e outro nas rádios tradicionais que eram captadas na reserva, a carência de instruções é evidente. Certamente para os ouvintes da reserva indígena do Guarita não há o que mudar na Cacique Fongue, mas este povo também merece atenção e um olhar especial, uma vez que, por serem índios, não precisam ser excluídos ou deixados de lado, principalmente porque apesar das restrições iniciais, eles abriram portas para a comunicação.

E por entender que trabalhar com comunicação exige técnica e ética, principalmente quando se trabalha com a palavra levada ao público, é que resolvi desenvolver um Projeto Experimental, através do Curso de Comunicação Social da UNIJUÍ (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul), que trabalhou com a realização de oficinas para que locutores e direção tivessem um conhecimento mais amplo a respeito da prática radiofônica, tornando mais qualificadas as atividades diárias na rádio.

O projeto denominado ‘Práticas Radiofônicas na Reserva do Guarita: valorização da cidadania e da cultura indígena’, desenvolvido no segundo semestre de 2008, consistiu em seis oficinas de rádio onde foram orientados, no sentido de mostrar os passos básicos na elaboração de uma programação diversificada, na construção das notícias e dos boletins, de como falar em público e melhorar a dicção, para que possam ser melhor compreendidos. Assim, posteriormente à realização das oficinas, puderam desenvolver na prática o que aprenderam, levando aos ouvintes da Cacique Fongue FM uma programação de qualidade e variada. A prática de oficinas na área de comunicação, neste caso no rádio, é uma forma extremamente eficaz de aprendizagem, pois possibilita que os alunos, além de receberem informações de ordem teórica, tenham também a oportunidade de praticar informalmente antes de irem para o rádio. As oficinas foram uma oportunidade de aprenderem e experimentarem novas descobertas, pôr em prática a criatividade e proporcionar um aprimoramento de seus conhecimentos, que, neste caso, até então é extremamente restrito para os locutores da Cacique Fongue.



Apesar da insegurança e da restrição mostrada logo no início das aulas, aos poucos os olhares atentos e acanhados foram dando lugar àquilo que eles sabem fazer melhor: falar. Para isso, abriram mão de alguns sábados para aprenderem a arte radiofônica, cujas atividades realizadas variaram entre exercícios de dicção, leitura, elaboração de notícias, boletins e entrevistas. Também fez parte das aulas a discussão sobre a programação musical e ainda a produção de vinhetas, spots e apoios culturais que serão utilizados pelos locutores na Cacique Fongue, além do estímulo à introdução da língua caingangue durante a programação.

Antes, existiam dúvidas e dificuldades, agora, elas fazem parte do passado. Hoje a realidade da rádio já é outra. A programação da Cacique Fongue agora conta com o noticiário das 12 às 12 horas e 15 minutos, os primeiros passos para uma transmissão em caingangue já estão sendo dados e uma nova locutora passou a fazer parte da turma da 89,7. O Projeto não só melhorou a auto-estima dos indígenas como propiciou que eles se tornassem mais aptos e qualificados para comunicar aos ouvintes da comunidade indígena uma programação diferenciada. Rádio Cacique Fongue FM – uma comunicação pela cidadania indígena!

Considerações

O rádio, como veículo de comunicação, sempre vai desempenhar um papel muito importante no que diz respeito a contribuir para a cidadania, principalmente do povo indígena, tornando-o parte ativa da sociedade onde está inserido. Lutar pela permanência da Rádio Comunitária Cacique Fongue FM na Reserva Indígena do Guarita é lutar pela permanência da cultura daquele povo, que vive distante e por vezes, esquecido. A rádio mudou literalmente a vida das centenas de indígenas que lá vivem e para melhor, fazendo descobrir o poder e a importância da comunicação, algo que antes era precário e difícil. Apesar de não estar em condições adequadas e necessárias para um trabalho de qualidade, por enfrentar dificuldades financeiras para se manter, o Projeto Experimental realizado no local, teve influência significativa e buscou orientar a equipe da Cacique Fongue a melhorar sempre mais sua programação, o que refletirá em resultados positivos para toda a comunidade indígena, que agora se sente valorizada e viva dentro da sociedade.



Além disso, a realização deste Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social buscou cumprir com sua função social, trazendo uma comunicação de qualidade também para o povo indígena, integrando-o e interligando-o com o restante da sociedade, mostrando que também são capazes e que tinham em mão um poderoso meio de comunicação antes não utilizado em sua totalidade.

Por fim, se conseguiu mostrar o papel dos comunicadores e sua importância na comunidade Indígena do Guarita, através da Rádio Comunitária lá instalada. Com isso, deu-se início à uma nova era na Reserva, mostrando novas possibilidades de atuação e de crescimento.

Referências

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de Radiojornalismo: produção, ética e internet*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

COGO, Denise Maria. *No ar... uma rádio comunitária*. São Paulo:Paulinas, 1998.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul: anos 20,30 e 40: dos pioneiros às emissoras comerciais*. Canoas: Ed. da ULBRA, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. *O veículo, a história e a técnica*. 2ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

HARTMANN, Frei Jorge e MUELLER, Frei Nelson. *A comunicação pelo microfone*. Petrópolis: Vozes, 1998.

KLÖCKNER, Luciano. *A notícia na rádio Gaúcha: orientações básicas sobre texto, reportagem e produção*. Porto Alegre, Sulina,1997.

MCLEISH, Robert. *Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Mil Palavras, 2000.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio em transição: tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002, 352p.

MURCE, Renato. *Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.



NEUBERGER, Lotário. *Radiodifusão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Plátano, 1997.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

PARADA, Marcelo. *Rádio: 24 horas de jornalismo*. São Paulo: Editora Panda, 2000.

PORCHART, Maria Elisa. *Manual do Radiojornalismo Jovem Pan*. São Paulo: Ática, 1993.

PRADO, Emílio. *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo, Summus, 1989.

TAVARES, Reynaldo C. *Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital*,

PERUZZO, CiciliaMaria Krohling. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 3 ed. São Paulo: Vozes, 2004, 342 p.